



EDITORIAL DOSSIÊ

NARRATIVAS DO INSÓLITO, DISTOPIA E UTOPIA

A rápida preservação do futuro — *OU* — Uma preservação urgente do que resta

**The rapid preservation of the future — *OR* —
An urgent preservation of what remains**

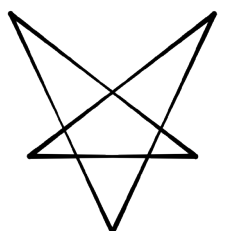
**La rápida preservación del futuro — *O* —
Una preservación urgente de lo que queda**

ELLEN MARIA MARTINS DE VASCONCELLOS

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)
Professora na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)
E-mail: ellen.maria.mv@gmail.com

FÁBIO FERNANDES

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Professor e Coordenador do curso de Jornalismo na mesma instituição.
E-mail: zeroabsoluto@gmail.com





*Estranho, bizarro
Tudo isso aconteceu
Acredite ou não
O inesperado:
Normal só tem você e eu*

Acredite ou Não, Bráulio Tavares e Lenine

O cineasta Ed Wood afirmou certa vez que todos nos interessamos pelo futuro, pois é nele que passaremos o resto de nossas vidas — observação que, embora formulada com aparente simplicidade, encerra uma intuição persistente sobre nossa condição temporal.

Durante décadas, a frase (pronunciada pelo personagem do vidente Criswell em **Plano 9 do Espaço Sideral**, dirigido por Wood em 1959) tornou-se alvo de escárnio, tanto por seu suposto didatismo quanto por sua associação a um realizador reiteradamente vinculado ao fracasso crítico. No entanto, como certas imagens oriundas do cinema B que resistem ao desgaste histórico e retornam investidas de novos sentidos, ela reaparece. E reaparece sob outra tonalidade.

Se convocarmos Karl Marx e sua conhecida formulação acerca da história que começa como tragédia e termina como farsa, talvez possamos inverter tal percurso. No contexto que nos concerne, aquilo que soava como *boutade* futurista — enunciada com entusiasmo quase ingênuo — passa a adquirir contornos decididamente trágicos. Em pleno Antropoceno (ou Capitaloceno, ou mesmo Cthulhuceno, conforme a ênfase teórica adotada), a preocupação com o futuro desloca-se do âmbito da especulação metafísica para o terreno da materialidade histórica.

O futuro converteu-se, assim, em campo de disputa.

Ainda que não habitemos o futuro (que, por definição, escapa a toda tentativa de captura pelo presente), orientamo-nos continuamente em sua direção. Projetamos cenários, antecipamos riscos, cultivamos expectativas e temores. A experiência contemporânea parece atravessada por uma condição paradoxal: convivemos com excesso de informação e, simultaneamente, com escassez de horizonte. Acumulamos dados sobre o colapso climático e a precarização da vida; entretanto, nossa capacidade de imaginar alternativas mostra-se frequentemente estrangida, como se estivéssemos submetidos a uma espécie de bloqueio criativo.

É precisamente nesse limiar que se impõe a política do imaginário.

Os imaginários ultrapassam (e em muito) a condição de ornamento cultural. Constituem infraestruturas simbólicas por meio das quais o campo do possível se organiza, dispositivos que moldam expectativas, delimitam alternativas e naturalizam hierarquias. Quando o chamado “realismo capitalista”, tal como formulado por Mark Fisher, operou como regime hegemônico nas últimas décadas, isso se deveu à sua eficácia em persuadir quase todos de que não haveria alternativa viável (ecoando, nesse ponto, Margaret Thatcher) ao modelo vigente. O que está em jogo, portanto, excede o domínio estritamente econômico e alcança o cerne da imaginação política.

Franco “Bifo” Berardi diagnosticou o “lento cancelamento do futuro”. Talvez, contudo, a experiência contemporânea não consista propriamente em um desaparecimento do futuro, mas em sua apropriação por narrativas hegemônicas que o comprimem em roteiros previsíveis: apocalipse ambiental, colapso democrático, distopia tecnológica. Entre a catástrofe tomada como inevitável e a utopia corporativa *high-tech*, instala-se uma polarização que também atravessa o imaginário.



Recordemos Antonio Gramsci: “A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer. Nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece.” É nesse interregno que o insólito emerge com maior intensidade. Tal como o compreende Flavio Garcia — enquanto ruptura com a representação coerente da realidade extratextual —, o insólito ultrapassa a condição de mero exotismo. Ele atua como sabotagem do previsível: ao deslocar o pacto realista, desnaturaliza o presente; ao tensionar o plausível, reabre o campo do possível.

O dossiê *Narrativas do insólito, distopia e utopia – Invenções estéticas, política do imaginário e futuros em disputa* reúne textos que operam justamente nesse terreno de fricção — científica ou não —, no qual estética e política se entrecruzam.

Em “Hipo-utopias hauntológicas”, Matozo da Silva examina o cinema distópico latino-americano à luz do diagnóstico do bloqueio de horizontes. Obras como *Branco sai, preto fica* ou *El eternauta* evidenciam que, em nosso contexto regional, o futuro jamais se apresentou como promessa neutra: ele carrega as marcas persistentes da violência histórica, das ditaduras e das exclusões estruturais. A distopia deixa, assim, de figurar como mera projeção do porvir para configurar-se como intensificação alegórica do presente. O passado retorna sob forma espectral — a hauntologia de Derrida, posteriormente retomada por Fisher —, assombrando qualquer tentativa de instaurar uma futuridade desimpedida.

Movimento análogo pode ser observado na leitura que Rocha propõe de *Us*, de Jordan Peele. O duplo monstruoso expõe o modo pelo qual a promessa liberal de unidade nacional se sustentou, historicamente, sobre exclusões constitutivas. O “nós” inscrito no título opera simultaneamente como afirmação e acusação. A distopia, nesse caso, deixa de ocupar um horizonte distante para revelar sua dimensão estrutural.

O dossiê, entretanto, ultrapassa o diagnóstico do bloqueio. Em “Por Causa de um Mosquito”, Eduardo Marks de Marques investiga *Dengue Boy*, de Michel Nieva, como ponto de inflexão na distopia latino-americana. A figura da Grande Anarca desloca a lógica da mera sobrevivência e reinscreve o insólito como força ontopolítica. O tempo abandona a configuração linear e decadente para tornar-se campo anárquico e multiespécie. A distopia, assim, longe de configurar destino inexorável, converte-se em matéria para reorganização radical.

A questão multiespécie atravessa igualmente os artigos dedicados à trilogia *MaddAddão*, de Margaret Atwood. Adamy Basso analisa de que modo o neoliberalismo tecnocientífico conduz à deformação ambiental e ética; por sua vez, Ânderson Martins Pereira, Ariane Ávila Neto de Farias e Luiza Prates dos Santos investigam o insólito como dispositivo relacional entre humanos e abelhas. Em ambos os casos, a esperança desloca-se da figura do sujeito soberano para alianças instáveis, comunicacionais e interdependentes.

No Sul distópico examinado por Voss Spinelli — em diálogo com Daniel Galera e Natalia Borges Polezzo —, o Pampa configura-se como território de ruína prolongada. O fim do mundo não irrompe sob a forma de explosão súbita; aproxima-se, antes, como continuidade histórica que se adensa (quase como no poema de Eliot). Ainda assim, dessas paisagens emergem anti-heroínas que reconfiguram o heroísmo em termos de cuidado, coexistência e persistência.

Gustavo Deister e Monah Winograd, em “Cibersimbiose”, propõem uma inflexão relevante na política do imaginário tecnológico: em lugar de reiterar o diagnóstico melancólico da alienação digital, sugere que a hibridação entre humano e tecnologia pode ser compreendida como extensão protética da subjetividade. A simbiose, nesse enquadramento, deixa de equivaler-se a empobrecimento para constituir-se como campo de expansão.



Ana Clara de Freitas Soares, ao analisar *Parable of the sower*, de Octavia E. Butler, em interlocução com Frantz Fanon (e não só), reinscreve a futuridade em chave decolonial. O futuro deixa de figurar como promessa universal abstrata e passa a ser concebido como construção situada, insurgente, forjada a partir de corpos e experiências historicamente marginalizadas.

Rodrigo Luciani Faria revisita o grotesco distópico de Fausto Fawcett, enquanto Figueiredo examina o documentário *Mata* como cartografia de resistência, articulando ecocinema e pensamento indígena.

O dossiê se expande ainda para além do artigo acadêmico. A entrevista “As gasolneiras do Sol Nascente: fabulação, etnografia e utopia em *Mato seco em chamas* – Uma conversa com Adirley Queirós e Joana Pimenta”, Ricardo Tsutomu Matsuzawa desloca a reflexão para o terreno da prática cinematográfica, revelando como a fabulação pode constituir-se como gesto político e como reinscrição territorial do futuro. Por sua vez, a resenha escrita por Renata de Oliveira Ramos, “A arte de Gaia e o corpo obsoleto: uma leitura de *Crimes do futuro*”, reinsere o debate no campo do corpo e da matéria, examinando as mutações biotecnológicas e ecológicas que atravessam o imaginário contemporâneo.

O que une esses textos é a percepção de que a disputa pelo futuro se configura, primordialmente, como disputa pelo imaginário: quem detém o controle das narrativas delimita o horizonte do possível.

As distopias são fundamentais. Operam como *cautionary tales*: instantâneos (*selfies?*) do presente, expondo lógicas de exclusão e violência frequentemente naturalizadas. Porém, se permanecermos exclusivamente nesse registro, corremos o risco de produzir o efeito inverso ao desejado, reforçando o bloqueio que se pretende denunciar.

Talvez seja preciso pensar em contrapontos. Se a distopia tende a operar sob o signo do colapso sistêmico total — mundo arruinado, Estado falido, natureza devastada —, outras modalidades imaginativas podem atuar em escalas distintas, menos espetaculares e menos grandiosas (ressonâncias das pequenas narrativas anti-épicas evocadas por Lyotard).

É nesse horizonte — atravessado por colapsos anunciados, mas também por rearranjos possíveis — que a disputa pelo imaginário revela sua dimensão mais concreta. Se a distopia nos ensinou a reconhecer as engrenagens da ruína, talvez o desafio agora consista em identificar, nas fissuras do presente, experiências de recomposição e formas de coexistência que não se organizem sob o signo da promessa grandiosa, mas sob a lógica da persistência.

Isso exige abandonar tanto a fantasia da redenção absoluta quanto o fascínio paralisante pela devastação irreversível. Entre o mundo ideal perfeitamente arquitetado e o cenário em que nada resta de pé, abre-se um campo de mediações: práticas, relações e arranjos institucionais que podem ser tensionados, deslocados e reconfigurados. Trata-se menos de projetar paraísos e mais de interrogar as condições de possibilidade do comum.

Talvez o futuro dispense a condição de mito a ser salvo; talvez demande, antes, atenção às estruturas que sustentam a vida coletiva e às redes de interdependência que persistem mesmo sob pressão. Se as distopias evidenciam o que está em jogo quando sistemas entram em colapso, o trabalho do imaginário não se limita à antecipação do desastre: ele se prolonga na elaboração de alternativas — provisórias, parciais, mas operativas — capazes de reabrir o campo do possível.

A política do imaginário, portanto, ultrapassa o gesto crítico. Ela implica prática, invenção, invenção situada. Preocupar-se com o futuro pode soar como eco ingênuo de uma



frase atribuída a Ed Wood; mais ingênuo, contudo, talvez seja supor que ele se organizará por inércia — seja pela catástrofe tomada como destino, seja pela promessa tecnológica investida de função redentora.

Que não confundamos futuro com destino: ele permanece como arena aberta, território em permanente reconfiguração.

E se passaremos o restante de nossas vidas nele, talvez seja a hora de imaginar não apenas como ele pode acabar, mas sobretudo como poderá funcionar.

Referências bibliográficas

BERARDI, Franco. *Depois do Futuro*. Tradução: Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

FISHER, Mark. *Realismo Capitalista*. Tradução: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere vol. 3: Maquiavel*. Notas sobre o estado e a política. Tradução: Luiz Sergio Henriques, Marco Aurélio Nogueira e Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

MATANGRANO, Bruno Anselmi. Entrevista com o professor Flavio García acerca da Literatura Insólita em Língua Portuguesa. *Revista Desassossego*, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 24, p. 243–251, 2021. Disponível em: <https://revistas.usp.br/desassossego/article/view/184456>. Acesso em: 12 dez. 2026.